

Eu Real

Sonia Nassim¹

Resumo: Ralph Waldo Emerson, ensaísta e poeta do século XIX, defende no ensaio *Self-Reliance* um Eu funcional capaz de destacar-se do mundo. Concebido como originário, o Eu evocado pelo poeta, se aproxima da Pessoa enquanto Haver descrito pela NovaMente. MD Magno propõe o conceito de Pessoa, composto por vários “eus” e com a possibilidade de referenciar-se a um Eu neutro e impessoal responsável por suas transformações. A eficácia deste dispositivo consiste em suspender recalques e disponibilizar a rememoração do “Eu Real”, cuja função curativa modifica e aprimora as relações da Pessoa.

Palavras-chave: Nova Psicanálise; Eu Real; Ralph Waldo Emerson

Gênio

Ralph Waldo Emerson, poeta e ensaísta do século XIX, aposta na vigência de uma mente criativa com condições de transcender os acontecimentos. Por isso, propõe um Eu originário que funciona a favor do movimento do pensamento e contra as significações impostas. Seu objetivo seria estimular na pessoa a autoconfiança, o ímpeto e a liberdade.

Em seu famoso ensaio *Autoconfiança* (1994: 35), diz Emerson que, na mente construtiva de cada um reside o *Gênio*, um poder de natureza inédita, e ninguém senão ele sabe do que é capaz de fazer, e tampouco ele o sabe antes de ter experimentado. Com isso atesta a primazia da experiência sobre qualquer saber. Entretanto, reconhece que seria preciso um esforço de introspecção metódica para se atingir o “eu” profundo, o espírito universal comum a toda a espécie humana. No seu entender o homem está trancafiado na consciência, da qual precisa se libertar e retornar à sua neutralidade. Esta permite ao homem “evitar todos os compromissos e, tendo observado, observa de novo desde a mesma inocência inalterada, imparcial, incorruptível e destemida” (idem, 1994: 39).

Emerson ressalta nosso poder para agir e criar, afirmando que há em todo homem a possibilidade de uma ação original, sinônimo de Autoconfiança, já que é na

¹ Psicanalista (NovaMente). Doutora em Teoria Psicanalítica (UFRJ).

alma ativa de cada um que se reconhece o Gênio. Reafirma o extraordinário prazer que obtemos dos melhores livros, pois, estes produzem em nós a convicção de que a natureza que escreveu é a mesma que lê. Para ele, não só é preciso ser inventor para se ler bem, como também é preciso afastar-se de pai e mãe, esposa ou irmão, para agir de acordo com o Gênio (idem, 1994: 43).

Para Emerson a demanda social é sempre de conformidade enquanto a Autoconfiança é causa de aversão e mantém a integridade da nossa própria mente. A exigência de exercer a mente criativa requer um desapegar-se da sociedade, pois, quem deseja ser um homem, tem que ser um dissidente. Como para a sociedade não aprazem realidades e criadores, mas nomes e costumes, faz-se necessário o exercício constante para despertar a mente criativa de cada um (idem, 1994:40).

Ele reconhece que para viver intensamente uma vida interior seria necessário suspender a idéia de tradição, pois, facilmente capitulamos em face de insígnias e nomes, de sociedades e instituições mortas. Aposto firmemente na grandeza do homem de tornar todas as circunstâncias **indiferentes**. E, sobretudo sabe que todo homem verdadeiro é uma causa, um país, uma época, portanto requer espaços, números e tempos infinitos para executar seu projeto (Idem, 1994: 46).

Profundo pesquisador do espírito do homem, Emerson percebe o quanto ele se alija do **presente** e com olhos voltados para trás, lamenta o passado ou bota-se na ponta dos pés para prever o futuro. “Um homem não poderá ser feliz ou forte até que também viva no **presente** acima do passado e do futuro” (idem, 1994: 57).

O poeta afirma que é somente quando o homem se desvencilha de todo suporte externo e fica a sós consigo, que adquire força e prevalência. Cabe a ele aprender a identificar e observar o raio de luz interior que lhe atravessa a mente, sem descartar seu próprio pensamento, apenas porque é seu, pois em toda obra de gênio encontramos nossos próprios pensamentos rejeitados. A sabedoria de Emerson insiste em afirmar que “assim como as preces dos homens são uma doença da vontade, suas crendices são uma doença do intelecto” (idem, 1994: 61/63).

Harold Bloom, em seu livro *Onde Encontrar a Sabedoria?*, reforça a importância de Emerson ao defini-lo como aquele que sugere “uma entrega a nós mesmos, já que cada um de nós pode ser cosmo, em vez de caos”. Emerson abandona a carreira de ministro unitarista na medida em que só aceitava o Deus interior, por ele definido como a melhor e mais antiga parte do eu. Contudo, ressalta Bloom, a

Autoconfiança não é doutrina consoladora, pois nos adverte sobre a necessidade de recorrer ao nosso próprio Gênio, ou então entraremos em declínio total (Bloom, 2004: 222/230).

Em *Gênio, os 100 autores mais criativos da história da literatura*, o crítico literário define a palavra *Gênio* através de dois sentidos antigos diferentes. O primeiro, expressa a noção de gerar, fazer germinar. O segundo se refere a um espírito que rege cada pessoa e lugar, a um espírito bom ou mal, portanto à possibilidade de exercer influência marcante sobre alguém, para o bem ou para o mal. Este mais importante; nosso gênio e espírito presente revela nossa aptidão, nosso talento natural, que se expressa como força intelectual ou criadora (Bloom, 2002: 30).

Bloom explicita que para Emerson nosso Eu não é constituído pela história, sociedade ou linguagem. “É aborígene. Devo buscar o gênio no abismo do Eu aborígene, entidade desconhecida de quase todos os explicadores dos dias atuais” (Idem, 2002: 35).

Giorgio Agamben, filósofo italiano em seu livro *Profanações*, dedica um capítulo a Genius. Ressalta que os latinos chamavam Genius ao deus a que todo homem é confiado sob tutela. Além de ser aquilo que gera, Genius também foi considerado o deus íntimo e pessoal, ou melhor, o que há de mais **impessoal** em nós. Genius equivale a compreender que o homem desde o nascimento até a morte, convive com um elemento impessoal. É essa presença que impede que nos fechemos em uma identidade substancial que rompe com a pretensão do Eu bastar-se a si mesmo. Viver com Genius significa viver na intimidade de um ser estranho, manter-se constantemente vinculado a uma zona de não conhecimento. Entretanto, a maioria dos homens foge aterrorizada frente à parte impessoal própria (Agamben, 2007: 17/18).

Emerson delega um poder incomensurável à mente enfatizando a experiência do Eu sobre a natureza, a história, o destino, a sociedade e muito mais. Quer dizer, há para o poeta um Eu que não só tem o poder de agir no mundo, como dele se destacar a ponto de expandir-se constantemente. E, como veremos, o Eu de Emerson encontra ressonâncias na psicanálise principalmente na concepção de Pessoa da NovaMente.

A importância das afirmações e questionamentos de Emerson, juntamente com a sua postura de estimular o aspecto criativo do homem possibilita buscar na Psicanálise Novamente aproximações com o Gênio de cada um e como despertá-lo.

NovaMente Clínica

Philip Rieff diz no livro *The Mind of the Moralist* que “Freud democratizou o gênio ao dar a todos um Inconsciente criativo” (Rieff, 1966: 36). Sua profunda admiração pelos escritores e poetas assim se manifesta: *os próprios escritores criativos gostam de diminuir a distância entre a sua classe e o homem comum, assegurando-nos com muita frequência de que todos, no íntimo, somos poetas, e de que só com o último homem morrerá o último poeta* (Freud, vol. IX, 1974, 1907: 149). Na verdade, Freud encontrou nas obras dos escritores e poetas relatos fidedignos dos fenômenos sintomáticos que justificam suas teses sobre o funcionamento da mente humana. Apesar do valor literário de seus textos, foi através de um rigoroso método de trabalho que estabeleceu um dispositivo para libertar os homens dos sintomas que os impediam de discernir e criar. Ao inaugurar a prática de despertar os piores demônios e liberar ódios reprimidos, Freud constrói um instrumento a favor de um psiquismo funcional e criativo.

Hoje, com a abstração efetuada pela clínica NovaMente, vigora a hegemonia da pulsão e a psicanálise transforma-se num aparelho eficaz para desconteudizar e fazer emergir novas configurações. Portanto, a prática analítica está hierarquicamente acima de qualquer fabulação conteudizada. Ou seja, a psicanálise enquanto máquina de reflexão estabelecida pelo movimento pulsional devolve o poder ao conceito de **pulsão de morte** freudiana sobre os conteúdos. Tendo isto como parâmetro, pode-se dizer que a cura consiste em encaminhar, aquele que se submete ao processo, à rememoração da sua identidade neutra e funcional que possibilita suas transformações.

A clínica NovaMente se origina da releitura de Freud e Lacan e mantém o vigor e o rigor da psicanálise exigida por eles. Esta reformatação atualiza a prática ao fazer uma faxina conceitual e disponibilizar um aparelho de intervenção analítica simples, unificado e portátil. Uma potente máquina de intervenção contra a estagnação

mental que pode ser aplicada às formações² a ponto de arrasá-las. Magno inverte o ponto de partida dos antecessores inaugurando um modo de pensar psicanalítico a partir da noção de cura e não dos sintomas. Sua preocupação em entender o funcionamento da mente e como reformatá-la destaca um lugar e uma experiência capaz de indiferenciar e movimentar as formações. Com isto, a operação de reformatação consiste em fazer emergir o aspecto da Pessoa³ que mais se aproxima da noção de Eu criativo decantada por Emerson. Aspecto este que no Falatório de 2006, AmaZonas foi assim descrito:

A psicanálise não promete a felicidade, pois não decidiu o que seja isto. Ela promete que, se você lembrar, fizer a anamnese desse seu lugar originário, ficará em menor mal-estar. Não que o mal-estar vá diminuir, e sim que você vai considerá-lo menor: **o mal-estar é menor do que Eu.** É isto que chamo de experiência do Um. Há, então, para a psicanálise, uma relatividade geral das formações do Haver. Entretanto, o que lhe é próprio é sua razão absoluta e sua referência ao absoluto – Cais, Vínculo e Impossível Absolutos – para além de toda relatividade que vige aquém do Cais (Magno, 2008, 2006: 72).

O que é esse Eu capaz de lidar com o inarredável mal-estar para um dispositivo teórico que não considera a noção de indivíduo nem de sujeito, mas sim, o conceito de Pessoa?

Não cabe neste artigo desenvolver a ampla articulação teórica da NovaMente, mas insistir no seu traço distintivo: a ênfase no poder reflexivo da mente

² Formação: Qualquer coisa que se forme, conjunto, agregado, de qualquer espécie. Toda e qualquer conjuntura destacável, desenhável, dentro do Haver ou Inconsciente, seja qual for a forma ou a materialidade de seus elementos ou dela mesma. O próprio Haver em sua plenitude é uma formação (aliás, de última instância), assim como o é o Revirão que se supõe funcionar dentro do Haver.

³ O conceito de Pessoa, enquanto rede de formações sem centro ou lugar definido, não só se diferencia, como também funciona em termos mais abrangente do que a noção de sujeito ou de indivíduo. Uma Pessoa encontra sua especificidade na suspensão das fronteiras entre mente e corpo, entre eu e mundo ou consciente e inconsciente. Trata-se de uma formação complexa, um polo com certa configuração, que não prescinde do aspecto focal, nem do franjal que infinitiza as possibilidades de descrevê-la. Um polo constituído de uma zona focal recortável e uma zona franjal que quando reconhecida tem o poder de ampliar o foco. Uma Pessoa é composta de formações em conexões infinitas e dinâmicas. Uma extensa rede articulatória que consiste nas interações das formações sintomáticas e na possibilidade de indiferenciá-las. Possibilidade indicativa de que uma Pessoa funciona no regime unilátero antes mesmo do surgimento da inevitável bilateralidade.

independente dos conteúdos. Sendo assim, vamos apenas abordar os aspectos **Haver e Ser** do conceito de Pessoa. Esta clínica faz uma equivalência entre Eu e Pessoa, propõe como constituição de base a condição de simplesmente **Haver** e opera com a rememoração desta experiência.

Uma Pessoa, composta de formações que se constituem de acordo com os três níveis de recalques, Primário, Secundário e Originário, experimenta **Haver** quando as formações recalcentes do primário e do secundário são suspensas. Diante do Originário, uma Pessoa simplesmente há, absolutamente indiferente às significações. As formações primárias ou secundárias só dizem respeito à idéia de **Ser**, pois **Haver** comparece como pura Hação, no sentido de causa de nossas ações, resultante do gesto de distanciamento do mundo. Enquanto a condenação a **Haver** define uma presença em abismo, no **Ser**, irreduzível à categoria do Haver, concentram-se as tentativas fracassadas de dar sentido à experiência inarredável de Haver. Do lugar de Haver, pura experiência pulsional, a Pessoa depara-se com seu âmago singular: ela apenas há sem ser (Magno, 2005, 2003: 153). A diferença é radical e faz parte do processo analítico manter a disjunção entre Haver e Ser. Experimentar Haver é condição de possibilidade para o entendimento do movimento da mente: a identidade que Há, puramente experiencial e operativa, anterior às identificações.

A identidade da Pessoa consiste na “afirmação absoluta do Haver como Eu” (Magno, 2007: 136). A concepção de Haver considerada como Real e singular funciona como causa de toda e qualquer descrição caracterizada como **Ser**. Ponto de singularidade⁴ de cada Pessoa onde se encontra seu poder de reconhecer que pode usar as formações e não ficar oprimida por elas. Com isto, não precisamos abordar uma Pessoa a partir do sintoma ou subjetividade, mas sim encaminhá-la para a anamnese da sua situação original neutra e indiferente. Levá-la a constatar que

⁴ O ponto de singularidade de uma Pessoa exhibe sua infinitude ou sua possibilidade de transformação, neutralizando formas antigas em função de novas configurações. Uma Pessoa é uma singularidade e, ao contrário da idéia de indivíduo, enquanto algo que resta de uma divisão, ela não é elementar, e sim abrangente, no sentido de multiplicar e não dividir. Uma Pessoa transforma-se numa máquina eliminadora de fronteiras por ser constituída de pólo, foco e franja; enquanto o Eu se apresenta como foco, a franja tende ao infinito na extensão de espaço e na de tempo (MD Magno, 2007: 187). O conceito de Singularidade é amplamente desenvolvido por Ray Kurzweil, no livro, *The Singularity is Near*, publicado em 2005. Singularidade implica em reconhecer que somos capazes de transcender as limitações do nosso corpo e nosso cérebro sendo possível supor um ponto de indistinção entre homens e máquinas (Kurzweil, 2005: 9). Ponto único e singular que quando alcançado desvela nossa **identidade** apartada de toda e qualquer identificação e, portanto disponível à criação.

trauma mesmo é a experiência bruta de Haver e, contudo, sua rememoração possibilita a operação de suspensão dos recalques. Quer dizer, só a rememoração da experiência de Haver facilita o abandono das crenças e dos pontos de vista que garantem a permanência do **Ser**, mecanismos defensivos e recalques do **Haver**.

O conceito de Pessoa proposto por essa Clínica concebe uma Pessoa como unilátera antes mesmo de considerar a bilateralidade. A unilateralidade da Pessoa, lá onde ela simplesmente **Há**, comparece na afirmação: **o mundo sou Eu**. Ao estabelecer a equivalência entre Pessoa = Eu e explorar a abolição das fronteiras entre eu e mundo, a NovaMente, concebe uma mente capaz de manter distância das formações. Não se trata aqui de definir Pessoas, pois são indefiníveis e infinitas, mas sim constituí-las no sentido pleno de ampliar suas funcionalidades e aumentar seu poder de performance.

A unilateralidade da mente da Pessoa retorce radicalmente a noção de espaço comum euclidiano e permite afirmar: “o mundo sou eu”. Não estou dentro do mundo como sugerem os filósofos, mas inverto os vetores e acabo com a distância entre eu e mundo, entendendo através desta perspectiva que o mundo está em mim (MD Magno, 2007: 34, 35).

Cada Pessoa é única, e sempre será resultante aqui e agora de todos os seus recursos, fatores e características da sua história (Araújo, 2011: 205). Por outro lado, dentro da perspectiva de suspensão de fronteiras, o mundo da Pessoa resulta daquilo que ela produz. Sem dúvida, é possível nos tornarmos mais criativos e disponíveis para enriquecer e modificar o mundo. No lugar de apego às formações, responsável pelas nossas sintomáticas, a ênfase incide no entendimento do movimento da mente e como conduzir uma Pessoa a exercitá-lo.

A condição experiencial de ser Ninguém, mas simplesmente Haver, disponível a qualquer Pessoa, destaca a impessoalidade de cada um de nós, afirmando uma identidade em vazio capaz de se declinar em múltiplos personagens. A mais bela e poética expressão do reconhecimento de que somos compostos de infinitas diferentes formações encontra-se em Fernando Pessoa quando diz:

Inúmeros outros vivem em nós.

Se penso ou sinto, ignoro.

Quem pensa ou quem sente.

Sou apenas o lugar.

Onde se sente ou se pensa.

(Pessoa, 1969: 291)

Considerar que somos um conjunto amplo de formações articuladas e emaranhadas no interior de um jogo de forças pulsionais, que não alcança nenhuma síntese, é o específico da Pessoa. Sem descartar, ou melhor, considerar como referencial a importância deste lugar vertiginoso e perplexo que revela a singularidade da Pessoa. Magno costuma dizer que o analista está no mundo e no consultório como o ator: este, como um saco vazio, é alguém capaz de produzir um vazio onde possa meter qualquer configuração e estar disponível para todo e qualquer personagem – sem se alienar nele (Magno, Oficina Clínica de 29/6/2002).

A psicanálise, dentro dessa perspectiva, que dispensa tanto a categoria de indivíduo quanto a de sujeito tão cara a Lacan, encontra sua eficácia ao produzir a soberania de uma Pessoa. Soberania conquistada quando se rememora a Experiência de Haver atualizando o lugar radicalmente funcional do **Eu Real**, onde os atributos se indiferenciam. Com efeito, o exercício da soberania implica em recorrer a identidade neutra e vazia (Magno, 2000, 1996: 90). Através do gesto de afastamento do mundo, depara-se com esta identidade que não se identifica a nada e, no entanto é a única capaz de facilitar o entendimento do uso que se pode fazer das formações, ao invés de se alienar a elas.

Esta origem neutra e indiferente quando frequentada expõe a força de nossa **presença** como causa de tudo que somos ou temos. Ou seja, a experiência de Haver enquanto referencial disponibiliza uma **presença** sem oposição que responde ao acaso com o máximo de artifício. É como se a experiência traumática viesse sempre ocupar o lugar deste suposto núcleo Real que insiste em velar-se. Entretanto, a experiência, quando rememorada, revela que é possível indiferenciar as formações com a intenção de transformá-las.

Do ponto de vista do analista, o que interessa não é recompor a história, como já se pensou, nem mesmo forjar uma história para cobrir lacunas, e sim trazer a Pessoa de volta para sua base em Haver, para sua base original como havente. Ou seja, trata-se de praticar o exercício da indiferenciação de tudo que ela viveu, pois é apenas um monte de estorinhas – e isto todos têm (Magno, 2009: 54).

A Cura sendo a *produção permanente de uma formação militante*, Magno (2007, 2005:88) sugere manter referência à formação originária como exercício de produção de soberania. A formação Originária podendo ser considerada o **Eu Real**, funciona como uma espécie de programa vigilante em relação às formações primárias e secundárias. Sem este **Eu Real** Originário que a análise propõe rememorar, a competência mental de separação das formações não funciona. Liberdade, então, de fato só é possível no regime do Haver, da identidade, aqui concebida como pura **presença**, sem passado nem futuro. Estar presente sem atributos que a definam é a condição adotada pela formação militante que usa o espírito, como um esgrimista hábil usa o sabre. Única possibilidade de exercer alguma autonomia e usar as formações ao invés de se deixar dominar por elas. E, como diz Clarice Lispector: *E ninguém é Eu. Esta é a solidão. O que verdadeiramente somos é aquilo que o impossível cria em nós.*

E, por último cabe perguntar: quais as consequências de se referenciar ao **Eu Real enquanto pura presença aqui e agora**? É possível escolher para além dos sintomas? Como funcionar tendo como referência um Eu sem atributos? O entendimento do Haver como causa do Ser propõe a lógica da Indiferença como anterior às diferenças. Lógica que disponibiliza o Eu Real, neutro, indiferenciante e único que facilita o acesso ao Juízo Foraclusivo. A pragmática analítica seria, portanto, fazer nascer este **Eu Real** para que escolhas não se deem a partir dos sintomas, mas sim pela reflexão e discernimento, sinônimo de Juízo Foraclusivo.

O que deve sobrar de uma análise é: tentativa de eliminação de recalque e produção de Juízo Foraclusivo. A pessoa faz análise para tomar juízo de que há o momento em que se exclui, e quando se exclui reconhecendo o excluído, isto não é recalque. Algo recalcado retorna à revelia, e não porque foi invocado, por isso retorna refazendo sintoma, mas se for invocado, ou retornado em análise e for acolhido e entendido, deixa de ser recalcado e passa a ser apenas volitivamente excluído, julgado pelo Juízo Foraclusivo (Magno, 2007, 2005: 63).

Enfim, a experiência de Haver enquanto **Eu Real** investiva a pura presença. Experiência que torna a Pessoa apta a observar o mundo com distanciamento sem ser constantemente iludida. A experiência como presença de espírito. Quando se diz “essa pessoa tem presença de espírito”, está-se dizendo tudo e nada ao mesmo tempo, está-se indicando algo, que “há algo ali”. Algo ali se passa sem, no entanto, designar

qualquer conteúdo específico, algo que faz rir ou chorar, ou angustiar, que produz mal estar ou alegria, que produz perplexidade, falta de sentido ou todo sentido do mundo. Eis aí a referência psicanalítica que se aproxima do aspecto criativo de cada um tão caro a Emerson.

Referências

- Araujo, Rosane, *A Cidade Sou Eu*, Novamente Editora, 2011, Rio de Janeiro.
- Emerson, Ralph Waldo, *Ensaio*, Imago Editora, 1994, Rio de Janeiro.
- Bloom, Harold, *Gênio*, Objetiva Editora, 2002, Rio de Janeiro.
- Bloom, Harold, *Poesia e Repressão*, Imago Editora, 1992, Rio de Janeiro.
- Bloom, Harold, *Onde Encontrar a Sabedoria?*, 2004, Rio de Janeiro.
- Agamben, Giorgio, *Profanações*, Editorial Boi tempo, 2007, São Paulo.
- MD Magno, *Pedagogia Freudiana*, Imago Editora, 1992, Rio de Janeiro.
- _____, *Psychopathia Sexualis*, Editora UFSM, 1996, Santa Maria.
- _____, *A Rebelião dos Anjos*, NOVAMENTE Editora, 2009, Rio de Janeiro.
- _____, *Clavis Universalis*, Novamente Editora, 2007, Rio de Janeiro.
- _____, *AmaZonas*, Novamente Editora, 2008, Rio de Janeiro.
- _____, *Clownagens*, Novamente Editora, 2012, Rio de Janeiro.